

ALERTA SOCIAL

Mazela que vem de fora

Censo mostra que 57,8% da população de rua da cidade têm origem em outros lugares

BRUNO AMORIM
bruno.amorim@oglobo.com.br

O perfil da população de rua do Rio mudou. Uma pesquisa realizada pela Secretaria municipal de Desenvolvimento Social entre outubro do ano passado e fevereiro deste ano mostrou que 57,8% dessas pessoas vêm de outros estados (32,39%), outros municípios (24,29%) ou mesmo outros países (1,16%). No censo anterior, de 2013, esse percentual era de 35%, como informou Ancelmo Gois em sua coluna no GLOBO. O levantamento atual, feito com 974 mendigos abordados em bairros da Zona Sul, mostrou ainda que, para a maior parte dessa população (39%), a permanência nas ruas se deve a "conflitos familiares".

Para a presidente da Associação de Moradores de Ipanema, Maria Amélia Loureiro, o resultado da pesquisa da prefeitura coincide com o que ela vê nas ruas da cidade.

— A gente tem curiosidade de saber. Sempre que eu pergunto, eles disseram que vinham de outros estados, ou da Baixada — contou.

O presidente da Sociedade Amigos de Copacabana, Horácio Magalhães, defende que os moradores de rua fiquem em abrigos:

— A nossa legislação é extremamente permissiva. O adulto não pode ser compulsoriamente abrigado. Acho um absurdo. Apesar de o abrigo não oferecer condições ideais, é melhor que a rua.

O engenheiro José Conde da Rocha, de 55 anos, morador de Ipanema, diz que o problema da população de rua tem se intensificado:

— No carnaval, sempre aumenta o número de mendigos, mas, desta vez, eles continuaram pelas ruas de Ipanema. À noite, sai muita confusão na Visconde de Pirajá, eles fazem pequenos assaltos.

Mas os comandantes do 19º BPM (Leblon) e do 23º BPM (Copacabana) afirmam que os registros

de roubos a pedestres praticados por moradores de rua estão em queda nas áreas cobertas pelas unidades.

— Há dois meses temos acolhido e encaminhado jovens em risco social a um abrigo municipal em Laranjeiras. Nós nos preocupamos com a integridade deles — disse o comandante do batalhão de Copacabana, tenente-coronel Luiz Carlos Segala.

Reinaldo Oliveira da Silva, de 40 anos, ilustra bem o resultado da pesquisa. Ele veio de Jacobina, na Bahia, para conhecer o carnaval carioca e ganhar algum dinheiro catando latinhas. Mas acabou ficando. Numa noite, foi roubado enquanto dormia na Praça Tiradentes. Sem dinheiro ou documentos, procurou ajuda. Depois de entrar em contato com a família, a prefeitura comprou uma passagem para ele voltar à terra natal.

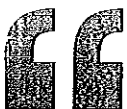
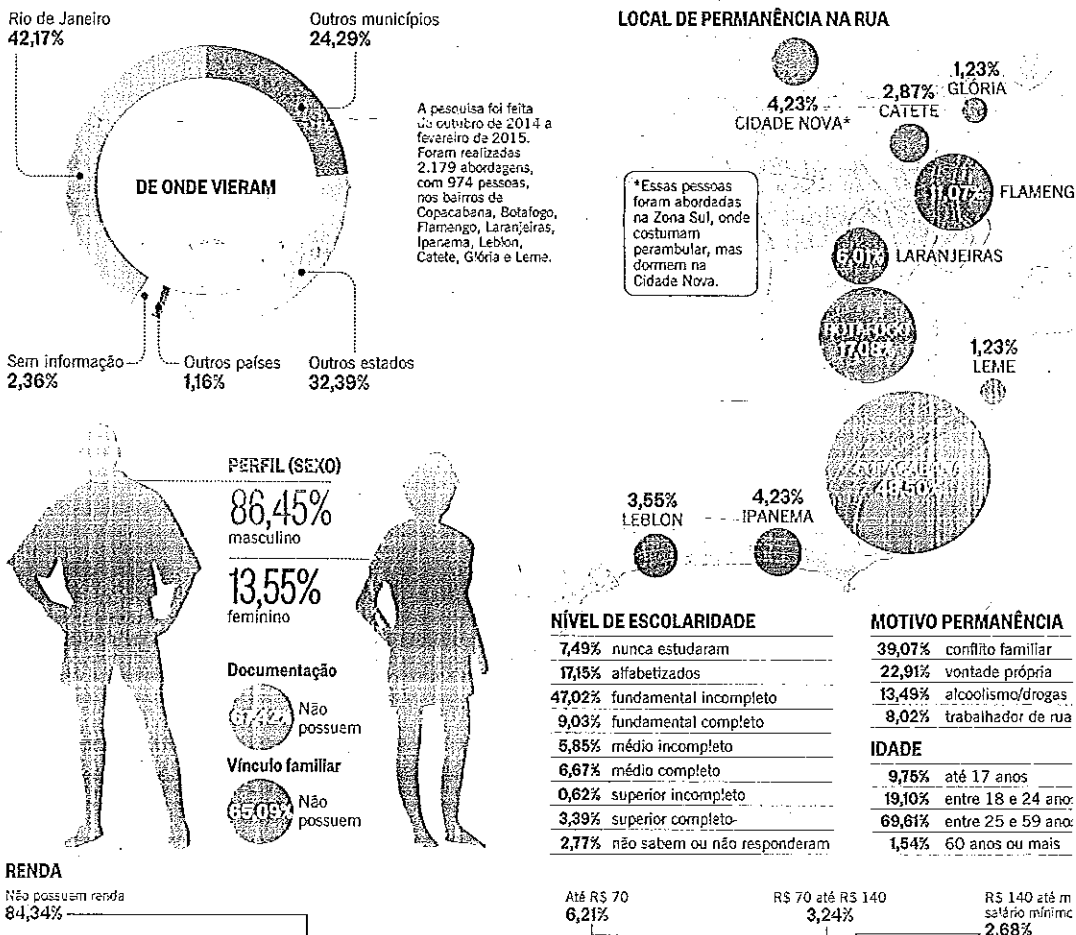
— Sou pau para toda obra. Só não sirvo para roubar, mas tenho problemas com álcool. O



Abandono. Morador de rua dorme no Centro: origem do problema de 39% dessa população se deve a conflitos familiares. O maior desafio é reinseri-los na sociedade

PESQUISA SOBRE MORADORES DE RUA NA ZONA SUL

MAIOR PARTE É FORMADA POR HOMENS QUE TÊM ENTRE 25 E 59 ANOS



“Tenho problemas com álcool. O pouco dinheiro que consegui, eu bebi”

Reinaldo Oliveira da Silva
Morador de rua que está voltando para a Bahia



“Tenho problemas com álcool. O pouco dinheiro que consegui, eu bebi”

Reinaldo Oliveira da Silva

Morador de rua que está voltando para a Bahia

pouco dinheiro que consegui, bebi — contou ele, pouco antes de ir para a rodoviária com um assistente social.

O pernambucano José Barnabé, de 54 anos, está no Rio há cerca de seis meses. Ele veio procurar a irmã, que morava em Niterói, mas não a encontrou e acabou nas ruas. Barnabé dormia nas praias da Zona Sul e, em outubro, foi atropelado. Depois de sair do Hospital Miguel Couto, foi abordado por um assistente social e aceitou ir para um abrigo. Apesar da vontade de voltar para Lajedo, sua cidade natal, Barnabé precisa aguardar a emissão de documentos.

— Comparando com a vida nas ruas, estou bem. No abrigo, me dão comida e cama. Estão me ajudando a tirar meus documentos — disse.

PROGRAMA PAGOU PASSAGENS PARA 192 PESSOAS

Segundo o vice-prefeito e secretário de Desenvolvimento Social, Adilson Pires, o programa De Volta à Terra Natal viabiliza o retorno à cidade de origem para quem acabou nas ruas. Em 2014, 192 pessoas voltaram para casa através do programa:

— Antes de comprar uma passagem, fazemos contato com a secretaria da cidade de origem e com a família. Para que essa pessoa, ao chegar lá, seja acolhida e possa ser reinserida na sua cidade.

Desde que o Ministério Público informou que a internação compulsória de usuários de drogas em

dores de rua estão em queda nas áreas cobertas pelas unidades.

— Há dois meses temos acolhido e encaminhado jovens em risco social a um abrigo municipal em Laranjeiras. Nós nos preocupamos com a integridade deles — disse o comandante do batalhão de Copacabana, tenente-coronel Luiz Carlos Segala.

Reinaldo Oliveira da Silva, de 40 anos, ilustra bem o resultado da pesquisa. Ele veio de Jacobina, na Bahia, para conhecer o carnaval carioca e ganhar algum dinheiro catando latinhas. Mas acabou ficando. Numa noite, foi roubado enquanto dormia na Praça Tiradentes. Sem dinheiro ou documentos, procurou ajuda. Depois de entrar em contato com a família, a prefeitura comprou uma passagem para ele voltar à terra natal.

— Sou pau para toda obra. Só não sirvo para roubar, mas tenho problemas com álcool. O

pouco dinheiro que consegui, bebi — contou ele, pouco antes de ir para a rodoviária com um assistente social.

O pernambucano José Barnabé, de 54 anos, está no Rio há cerca de seis meses. Ele veio procurar a irmã, que morava em Niterói, mas não a encontrou e acabou nas ruas. Barnabé dormia nas praias da Zona Sul e, em outubro, foi atropelado. Depois de sair do Hospital Miguel Couto, foi abordado por um assistente social e aceitou ir para um abrigo. Apesar da vontade de voltar para Lajedo, sua cidade natal, Barnabé precisa aguardar a emissão de documentos.

— Comparando com a vida nas ruas, estou bem. No abrigo, me dão comida e cama. Estão me ajudando a tirar meus documentos — disse.

PROGRAMA PAGOU PASSAGENS PARA 192 PESSOAS

Segundo o vice-prefeito e secretário de Desenvolvimento Social, Adilson Pires, o programa De Volta à Terra Natal viabiliza o retorno à cidade de origem para quem acabou nas ruas. Em 2014, 192 pessoas voltaram para casa através do programa:

— Antes de comprar uma passagem, fazemos contato com a secretaria da cidade de origem e com a família. Para que essa pessoa, ao chegar lá, seja acolhida e possa ser reinserida na sua cidade.

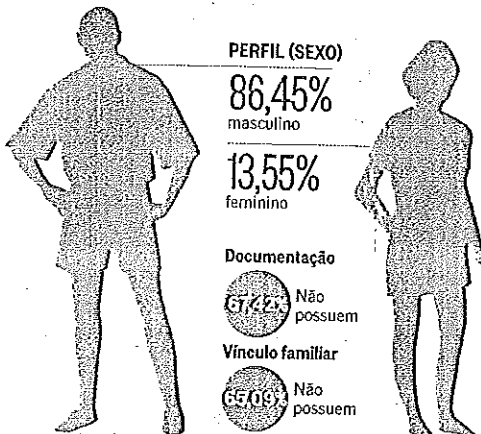
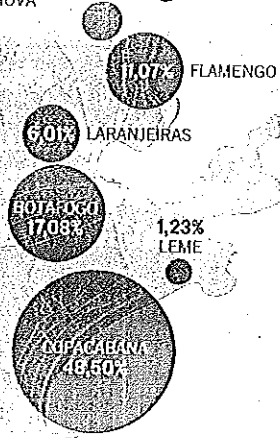
Desde que o Ministério Público informou que a internação compulsória de usuários de drogas em

DE ONDE VIERAM

Sem Informação 2,36%
Outros países 1,16%
Outros estados 32,39%

fevereiro de 2015. Foram realizadas 2.179 abordagens, com 974 pessoas, nos bairros de Copacabana, Botafogo, Flamengo, Laranjeiras, Ipanema, Leblon, Catete, Glória e Leme.

*Essas pessoas foram abordadas na Zona Sul, onde costumam perambular, mas dormem na Cidade Nova.



RENDA

Não possuem renda 84,34%

46,82% Permanecem na rua há mais de um ano

Fonte:

NÍVEL DE ESCOLARIDADE

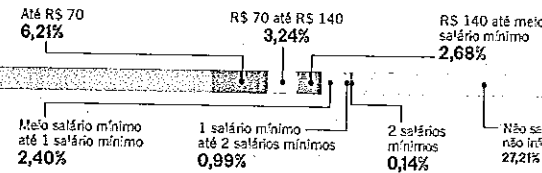
7,49%	nunca estudaram
17,15%	alfabetizados
47,02%	fundamental incompleto
9,03%	fundamental completo
5,85%	médio incompleto
6,67%	médio completo
0,62%	superior incompleto
3,39%	superior completo
2,77%	não sabem ou não responderam

MOTIVO PERMANÊNCIA

39,07%	conflito familiar
22,91%	vontade própria
13,49%	alcoolismo/drogas
8,02%	trabalhador de rua

IDADE

9,75%	até 17 anos
19,10%	entre 18 e 24 anos
68,61%	entre 25 e 59 anos
1,54%	60 anos ou mais



situação de rua é ilegal, em 2012, os mendigos só são recolhidos se quiserem. O destino dos que aceitam ajuda é ir para um dos 26 abrigos municipais, onde têm cama e cinco refeições por dia.

Se para entrar num abrigo basta dizer sim, deixá-lo não é fácil. Um plano de desenvolvimento individual é elaborado para cada pessoa. O Projeto Gestão prevê que, num prazo de nove meses, eles possam se reinserir na sociedade. Usuários com comprometimento mental ou sem vínculos familiares demandam mais tempo.

— O desafio é que a pessoa saia com sua trajetória de vida reconstituída após nove meses. Se não houver prazo, a pessoa acabará ficando. O que faz sentido é recuperar a autoestima, se capacitar, recuperar a vontade de viver. O abrigo tem que ser uma coisa transitória. Não pode ser permanente — afirma Pires.

Na primeira fase do processo, assistentes sociais verificam documentos, estado de saúde, vínculos familiares e fazem cadastros em progra-

mas de transferência de renda. Na adaptação, é feita uma avaliação da escolaridade dos acolhidos, que voltam a estudar e fazem cursos de qualificação profissional. Quando começam a ter renda, os internos são preparados para sair do abrigo. Até conseguirem residência própria, esses ex-moradores de rua podem ficar em um hotel da rede de proteção social. No ano passado, 680 pessoas, entre adultos e crianças, foram reinseridas na sociedade, seja voltando aos seus lares ou através da própria autonomia.

O auxiliar de serviços gerais Manoel Paulino dos Santos, de 64 anos, foi um dos internos do Abrigo Plínio Marcos, em São Cristóvão, que conseguiu dar a volta por cima. Em 2002, ficou desempregado e acabou despejado. Depois de passar duas noites nas ruas, procurou ajuda e, após nove meses no abrigo, arrumou emprego e alugou um quarto. Trabalhando no próprio abrigo onde recuperou a dignidade, hoje ele é exemplo para quem quer mudar de vida.

— O abrigo foi uma mãe. Fiz curso de gem e paisagismo. Eu digo para os inter também estive no lugar deles e que é pra car a bola para frente. Há cinco meses em minha casa — comemorou Santos.

A diretora do abrigo, Adriana Veríssim que as portas do local ficam abertas, impreciso seguir regras de convivência. Sela, o maior desafio é lidar com residir não conseguem sair por motivos como mas mentais, falta de escolaridade e defcia química.

— Fico muito feliz quando conseguem ir. Depois voltam só para mostrar a carteira e — contou Adriana. ■



NA WEB VÍDEO globo.com/rio
Morador de rua fala de sua volta para a cidade natal.